COMO SE SAI DA POBREZA? — OS PROCESSOS DE REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA (PRSI) DE PORTUGUESAS NO PAÍS BASCO, PELA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA ORALIDADE.

Maria de Fátima Toscano*

COMO *SE SAI* DA 'POBREZA'? — PRESSUPOSTOS E PROBLEMÁTICA-UTENSÍLIO[1]

"Como *se sai* da *pobreza*"? Esta pergunta desloca a formulação mais comum da pobreza que se nos afigura como uma *formulação do problema pela negativa* pois, focada em fatores e causas da 'queda' ou desqualificação (Paugam,1994), no passado e no presente, não observa a 'saída' ou requalificação dessas condições. Daí que, desde os anos 90, venhamos trabalhando num modelo analítico-compreensivo que reorienta a análise para os percursos de 'saída' da pobreza – atentando nas vivências da 'entrada', nas expectativas e utopias futuras, como no imaginário.

O presente texto decorre da nossa pesquisa de doutoramento em sociologia sobre processos de requalificação sócio-identitária (futuramente abreviado por prsi) de mulheres portuguesas migrantes no País Basco. Para tal, co-construímos 31 relatos de *casos exemplares*[2], seguindo

* CEPESE, Porto; Membro Assoc. Dinâmia Cet - IUL / ISCTE, Lx, ISMT – Coimbra.

1 O uso do novo acordo ortográfico é da responsabilidade dos editores.

2 Os casos iniciais — 31 mulheres — foram reconhecidos por técnicos de acção social, de entre utentes seus (de diversas entidades do PB) como vivenciado prsi. Considerámos 5 hipotéticos critérios-condições-utensílio desta vivência (Toscano, 2010: 110 e ss.): Monomarentalidade, Morte, Liderança, Maus Tratos e Handicaps; e ainda 5 critérios-factores--guia — económico-materiais; relacionais e afectivo-emocionais; simbólico-culturais e de poder; e disposicionais. O gradual aprofundamento do 'modelo prsi' provocou selecção e recategorização dos 31 casos, até identificarmos 5 que nos mereceram uma análise muito aprofundada: Paloma, Mafalda, Esmeralda, Amélia — e Sara, apresentada neste texto, embora nalgumas conclusões reenviemos para os outros 4 casos.

a pergunta: «Que lógicas de ação e tipos de estratégias identitárias constroem as mulheres que, face à experiência social da desqualificação, se implicam na sua 'requalificação sócio-identitária'?».[3]

A discussão teórica focalizou a pesquisa nos fatores e etapas de prsi; nas respetivas lógicas de ação e reações identitárias, considerando 3 grandes dimensões: material, simbólica e relacional; e nos capitais, finalidades e estratégias-táticas identitários. Da problemática-utensílio deste 'modelo prsi' citemos os 3 postulados centrais:

Postulado I: os prsi são experiências sociais temporalizadas e circunstancializadas em contextos e situações (Dubar, 1991); a leitura subjetiva de trajetos exemplares é a escala e o tipo de observação adequados para captar essa requalificação de atores em sujeitos sociais, adotando a formulação de sujeito pela obra de Alain Touraine.

Postulado II: sete vetores dicotómicos[4] — emergentes com a modernidade e partindo da análise de estudos históricos sobre a pobreza em Portugal —, moldam a visão dos pobres como 'fatalidade e utilidade sociais'[5]; esta visão tem legitimado usos moralistas, miserabilistas e populistas, naturalizando a pobreza.

Postulado III: conhecer sociologicamente é estudar *como* os atores sociais se situam e re-contextualizam (*não há 'idiotas sociais'*), e integrar o que entendemos como os três eixos analíticos da sociologia das identidades[6], a saber: *a)* opor identidades prescritas/assumidas; *b)* opor lógicas, recursos dos atores/determinismos sociais; e *c)* re-situar as identidades como negociações objetivas e inter-subjetivas em espaços-tempos da ação.

"Uma Sociologia das Identidades, é possível?", inquiria Suzie Guth (1994) há 20 anos. Hoje, aqui, visa-se contribuir para a 'sociologia da

3 Sobre os conceitos de estratégias, tácticas e finalidades identitárias, ver Lipiansky, Taboada-Leonetti e Vasquez. 1990, como Camilleri et al. 1990. Cf. ainda contributos, centrais, para nós, de Gaulejac (s. d.); Gaulejac e Taboada-Leonetti. 1994 e de Taboada-Leonetti e Aubert. 1990.

4 I.e.: atributos e designações sociais de pobreza material/espiritual, digna/indigna, socializada/inata, individual/colectiva; factores subjectivos/objectivos; sócio(etno)centrismo e androcentrismo.

5 Estudos de fins da Idade Média até anos 70, publicados até aos anos 90. Cf. nossas análises: Toscano 1992a, 1993a, 1993b, 1993c, 1994 e 1995a.

6 Cf. contributos, marcantes para nós, de Bourdieu, 1972; 1980a e 1980b, 1993; e Dubar 2006 e 1991.

esperança', pela análise dos processos de requalificação sócio-identitária – "Como *se sai* da pobreza"?.

Numa abordagem de crítica construtiva da tradição de estudos sobre 'a pobreza', evoquemos o caso exemplar de Sara.[7]

CASO EXEMPLAR — O TRIÂNGULO QUE LEGITIMA O SOFRIMENTO DE SARA

Sara (S) nasce há 43 anos numa nortenha família extensa de 15 filhos, do estilo de vida do mar: todos os homens da família são pescadores. Da carência absoluta informam-nos as condições económico-materiais, alimentares e habitacionais (dormiam 5 num quarto); e os maus tratos a mulheres e crianças (por cunhado, 2 irmãos e pai). *Humilhações* na base da representação negativa de pai para S pois, se diz herdar o seu carácter forte, o modelo católico dela é a *mãe-galinha* que *agasalha e encobre*, a mãe-bondade. Após várias 'quedas', Sara progride até ao estilo de pobreza relativa, ao fim de 17 anos afastada do mercado de trabalho, apesar de imigrante no País Basco. Da narradora ansiosa realçam rosto e mãos enrugados, gargalhada fácil, imaginação fértil e o prazer de contar histórias: *não é mentira*.

SARA: FÉ NA PRECE E NA SORTE — 3 SUPORTES DO RISCO ESTRATÉGICO

Vida instável com *5 momentos marcantes* de densas ruturas espácio--relacionais e práticas que designamos por risco estratégico – efeitos da fé na prece e na sorte –, é exemplar da crise do modelo da integração na modernidade tardia.

No *momento marcante 1* (1962-1976), composto por duas etapas, a instabilidade laboral (6 empregos) marca o fim da infância aos 8 anos: 1.ª etapa-rutura (1962-68): precoce inserção laboral (fábrica de conserva e *criada a servir*). 2.ª etapa-rutura (1968-76): regresso à casa familiar dos 14 aos 22 anos, numa fase de esmola (*eu pedia com fome!),*

7 Trata-se de um dos casos exemplares integrantes da nossa pesquisa de doutoramento (Toscano 2010), pelo que as contextualizações no tempo e datações se reportam a esse ano.

biscates (*andar ao mexilhão, andar nas feiras aos carretos*) e trabalho infantil (fábrica finlandesa de costura; empregada doméstica; *soldagem de tornos* em *fábrica de peixe*); a par de abandono escolar no fim da 3.ª classe, com mais de 10 anos.

Da juventude e infância ela só aprecia a vida na cidade do Porto *muy bonita!!tch!, com boa alimentação e tudo*; o resto foi *vida triste*, fome e efeitos na saúde por trabalhar descalça nas insalubres fábricas de peixe.

Assim, no *momento 1* domina a lógica de destino social ao qual reage pela interiorização e a adaptação-resistente. Estas reações firmam-se, por sua vez, nas duas estratégias identitárias da S-adolescente-jovem: a estratégia de risco e a que designámos como sacrifício estratégico (Toscano 1990).

Desde que se casa, aos 22 anos, no *momento marcante 2* (1976-1980) destacam-se duas lógicas de ação (Dubet 1996) estratégicas: realismo; utilidade e duplicidade do casamento. Do marido, um Galego imigrante desde os 21 anos no PB, Sara faz uma avaliação muito positiva como pessoa, trabalhador, marido e pai: *um senhor*. E após um mês de casada cumpre o dever, evidenciando uma estratégia de luta adaptativa: *tinha que seguir-lo* (sic no relato) para a, então, *terra do dólar*[8].

Com a emigração e a mobilidade familiar por três residências na 3.ª etapa-rutura (Nov. 1976 a 1980), aos recursos notados associam-se práticas de risco (ruturas, descontinuidades espaciais). Para S, a reação de luta pela rutura sócio-espacial deve-se à estabilidade dele no emprego.

Porém, com a crise do PB, o marido fica desempregado quase 1 ano, 1.º fator de desqualificação familiar que abre o *momento marcante 3* (1980-92).

Dos 26 aos 38 anos Sara irá viver na Galiza — 4.ª etapa-rutura espacial — conjugando a instabilidade e separação familiares, com a dependência da sogra. É que o marido arranja trabalho no PB e ela tem de ir para casa da sogra com as duas filhas, durante 18 meses de sacrifício infernal.

Mas depressa Sara recicla a sua recusa interiorizada da separação numa reação identitária – interna e externa – ardilosamente negociada. Reações conflitualistas de resistência, apoiadas na lógica da irreverência face ao destino social, levam-na à resposta individual de risco. E na 5.ª etapa-rutura (1981-1992), tendo uma consulta da filha mais velha em

8 Designação do País Basco nas conversas entre migrantes da época.

San Sebastián, foge com ambas as meninas para lá. Sara tenta legitimar a lógica de risco-fuga em lógica de salvação da qualidade da vida afetiva familiar, dignificando a sua opção de irresponsabilidade familiar sob a capa duma estratégia arriscada de luta pela família. Em vão: a família 'cai' mesmo até à privação primária, em total dependência das redes sociais portuguesas, quer para procurar casa (5.ª e 6.ª residências), quer para as respetivas mudanças, como para o empréstimo de mobília. Pouco depois ela zanga-se com essas mesmas portuguesas que a tinham apoiado e à sua família, justificando-se com a dependência familiar agravada.

Seguem-se 12 anos de aparente estabilidade nos territórios sócio-identitários[9] habitacional, dos recursos económico-materiais e das sociabilidades, até saberem que a casa é clandestina — causa do 2.º fator de desqualificação: o desalojamento familiar.

Nos 2 anos do *momento marcante 4* (1992-93) vão agravar-se os territórios sócio-identitários espácio-habitacional, sociabilidades e recursos.

De facto, na 6.ª etapa (1992) de rutura espácio-habitacional, a múltipla fragilização da trajetória familiar associa lógicas de risco e destino social. Contudo, como para S se trata duma fatalidade mística-sobrenatural, ela responde com estratégias de risco e resistência-luta comprando a 7.ª e atual casa, mais pequena e a precisar de obras, pois urgia alojar os, agora, 6 elementos do agregado[10]. A compra gera estratégias familiares divergentes face à dependência dos parentes dela: quer de superação, por autonomia espacial; como de reforço, pelos empréstimos para as obras e guardando a mobília excedente.

A 7.ª etapa de sobreendividamento, desnorte e sacrifício motiva novas respostas: 1) estratégia de resistência-luta e esforço laboral: a filha mais velha passa a trabalhar como ama e S retoma a atividade laboral (7.º emprego); 2) endividamento bancário: risco que formaliza a dependência do agregado (clara estratégia de contorno familiar).

Como se não bastasse, na 8.ª etapa (1992-93) outro fator de desqualificação provoca *A Desgraça* familiar. O marido fica de baixa médica durante um ano, por acidente laboral. Ora, sem o ordenado dele e tardando o seguro, decaem até ao patamar da subsistência absoluta de

9 Cf. a nossa proposta da noção de *territórios sócio-identitários* (Toscano 2010).

10 Ao casal, duas filhas e filho de *5,6 aninhos* tinha-se juntado o irmão mais novo dela, com 24 anos.

Rowntree (Costa, 1984), sem dinheiro para comida, cola-cao, nem para Sara pagar o bilhete de autocarro para ir trabalhar.

Face à desgraça social e à dependência instalada que S vê como *provações divinas,* relata-nos 7 tipos de reações: i) instalação na situação; ii) vergonha da eventualidade da venda do andar; iii) encobrimento da situação dos filhos e de estranhos; iv) conflitos relacionais e sensação de abandono pelas portuguesas; v) isolamento social; vi) medo do casal sair à rua, devido às dívidas; vii) fragilidade psicológica e da saúde de Sara que entra em depressão.

Vivendo em total desgraça, e consciente desta, o casal pensa em várias soluções, como mudar-se para a Galiza. *Oração* e *fé* são os recursos mais-valia de Sara; dois, os apelos da prece: comida e *abrigo*, para evitar *a vergonha* de vender o andar.

Face ao fracasso (transações objetivas exteriores[11] negativas), *a vergonha* e correlativo orgulho aliam-se às necessidades de subsistência, parecendo suplantá-las. É como S reage às transações objetivas interiores, também negativas.

Tal afirmação de orgulho identitário traduz-se em *não ter de pedir nada a ninguém*, numa clara mudança de atitude: em situação *desesperada*, aceitara a solidariedade das redes de proximidade; agora, em pior situação – de *desgraça* – recusa-a. Dois motivos podem explicar a mudança: restrição das sociabilidades (já não ter quem a apoie); e autovitimização por ter seguido os conselhos dos que, alegadamente, a *abandonam*. Daí que encobrimento e isolamento se aliem e fundam, ambos, nas estratégias de risco, defesa e contorno identitários. S agarra-se ao orgulho para legitimar o isolamento pessoal-familiar dos que, confidencia, têm a natural *maldade humana*.

Num discurso tão defensivo de contorno do risco, a solução justa só virá de uma entidade superior: *Deus* dá-lhe *sorte*. Daí que, para ela, a requalificação se deva à eficácia das suas preces e *fé*, *de um dia p´ó outro*, exacerbando o que categorizamos como as componentes do seu realismo tardio: a fatalidade místico-sobrenatural e o sacrifício estratégico. Portanto, no *momento marcante 5* (1993-96) a requalificação familiar brota da eficácia do 'mixed prece-fé-sorte-direitos sociais'.

11 Ver a formulação articulada e inovadora da construção identitária, e respectiva mudança e avaliação social, por Dubar (1991, 2006).

Com efeito, na 9.ª etapa, o marido é indemnizado do acidente, com 5 700 pesetas, e do seguro, com 32 1000 a fundo perdido; e também recebe os salários em atraso do armador: *86 000 pst mais "p´ó" monte*. Impondo a lógica do realismo pragmático, S paga aos trabalhadores nas obras da casa, as prestações atrasadas ao banco e todos os empréstimos. E conclui que a família evoluiu da *desgraça* para uma situação de contenção de recursos: *não te sobrava, mas (…) não andavas, tão pouco, esquentada!*. Pelas estratégias do pragmatismo e do sacrifício estratégico dá-se a superação precária da desgraça familiar. Nesse viver *apertado*, Sara tem a nova aspiração de renovar a casa para ficar *Um pouco decente!* – o que também concretiza, já que lhe sairá, literalmente, um novo fator de promoção social.

A 10.ª etapa (1996) confirma a eficácia da prece/*fé* na *sorte* pois *Deus* abre-lhe de novo a porta da *sorte*: o prémio da Lotaria de 2 milhões de pesetas sai a Sara e a uma amiga que ´tava" a passar mal.

Por fim, S supera a fase de *desgraça* da vida pessoal-familiar com a estabilidade e remodelação da casa, aliada à partilha da alegria pela promoção da amiga. Mas, sendo uma vitória pessoal-familiar, representa também a vitória dela em relação às outras que tinham *raiva* e *inveja* da sua vida. E para evitar esta *inveja*, de novo S recorre ao encobrimento – neste caso do sucesso – revelando a desconfiança e a lógica de conflito social, matrizes da vivência dela com as imigrantes portuguesas.

Já no fecho da breve síntese do prsi de Sara, ganham sentido os seus 5 enunciados narrativos ou repetidos elementos discursivos de i) exacerbada autoestima e ii) elogios pessoais; de iii) sobrevalorização discursiva da cultura de origem; de iii) classificação e comparação etnocêntricas; de iv) fé e misticismo; e de v) paradoxo identitário: auto-categorização de abertura relacional/continuadas ruturas relacionais.

O QUE SE APRENDE COM O 'MODELO ANALÍTICO-COMPREENSIVO DOS PRSI' ?

Do 'modelo prsi' salientam-se três conclusões gerais (Toscano 2014): os modos de configuração de prsi supõem um *saber inter-subjectivo, incorporado e implicado*.

UM SABER INTER-SUBJETIVO E INTER-REFLEXIVO: CONTRIBUTOS PARA UMA 'SOCIOLOGIA DA ESPERANÇA' PELA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS IDENTIDADES

Para nós, as transações identitárias e os territórios sócio-identitários organizam-se pela interação social como sistema da ação. Logo, as transações identitárias são os modos de construção dos atores em sujeitos, tal como a interação social é o modo de construir o sistema da ação. Com efeito, se as identidades sociais não são nem estados nem estáticas, a interação tão-pouco o é; logo, a interação não é um simples cenário do sistema da ação.

Transpondo o saber em torno dos sistemas de comunicação —*"é impossível não comunicar"*– para os sistemas de ação, obtém-se: *"é impossível não interagir"* pois o que muda são os modos da interação.

Portanto, apreendemos a *interação* como *o cerne dos sistemas da ação*, ao passo que as transações identitárias são o cerne da reconfiguração de atores em sujeitos. Ou seja: estas transações realizam a atualização identitária combinando

a) por um lado, as estratégias e táticas, com as dinâmicas e orientações – investidas ou emergentes – na (re)avaliação e na reflexividade dos sujeitos;

b) por outro, as lógicas sociais – subjacentes ou decorrentes – com as construções identitárias e do sistema da ação: *"Il n'y a pas de volonté sans objet. (…) l'objet de la volonté ç'est, justement, réaliser le désir. (…) le désir ç'est le moteur de l'action (…). L'utopie [objet virtuel du désir] ç'est le font où l'action plonge son sens. Le désir part à la conquête du temps futur pour donner un sens au vécu présent."* (Michel Godet. 1991. Cit. in Clément & Tjoelker. 1992: 119).

O 'modelo prsi' acolhe o sujeito inter-subjetivamente reflexivo e os elementos da construção significativa do social: desejo e vontade da ação. Enfim, como ação mobilizada pelo desejo, os prsi trabalham 1) os territórios sócio-identitários no presente, o agora; 2) os recursos--capitais do agora e do passado vivido, no presente[12]; 3) as lógicas e os imaginários sociais, orientando-os do presente para o futuro – numa fenomenologia da requalificação, base da sociologia da esperança, com claras implicações no plano metodológico.

12 Recursos-capitais identificados nos prsi que mais à frente explicitamos.

UM SABER INCORPORADO, VIVIDO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMO-METODOLÓGICAS

Decorrendo da primeira, esta conclusão desdobra-se em 4 vectores metodológicos:

1) Atenção aos obstáculos: os obstáculos transversais aos estudos da pobreza e a nossa discussão da problemática identitária, justificam que se alerte quanto à persistência

a) da influente 'visão lácrimo-fatalista' (Toscano 1992, 1994 e 2012) e das noções de vazio social, limitando a construção social dos prsi e, portanto, a afirmação da cidadania como o desenvolvimento das próprias ciências sociais;

b) da formulação do problema pela negativa, sob uma visão moralista, latente.

2) Em que consiste construir o saber científico?: sem aprofundar-se aqui este tópico, anote-se só que o 'modelo prsi' assume a interdependência complexa entre sujeitos e investigadores, o abandono definitivo do conceito de 'objeto' de estudo, e a defesa da inter/transdisciplinaridade e correlativas críticas ao divórcio (positivista) de domínios (Toscano, 2010: 315-316).

3) O que é a Oralidade?: é, para nós, **a condição da co-construção da experiência social**; em consequência, ela própria é a condição da pesquisa dos conteúdos ou matéria viva daquela vivência.

Nas abordagens compreensivas, conhecer a co-construção da ação social supõe aceder à expressão da reflexividade; e esta emerge sob a forma oral. Mas, para conhecer a co-construção da ação social, para além da expressão da reflexividade também importa a sua reconstrução interpretativa. Ora, a reflexividade enquanto reconstrução interpretativa decorre da co-construção da subjetivação social pelos atores sociais a qual, por sua vez, supõe a oralidade como processo de possibilidade.

Por isso, na hipótese analítica do 'modelo prsi' sustentámos que a subjetivação dos prsi, pelos atores, interfere no lugar e valor que atribuem à sua oralidade, como nas respetivas formas de expressão e formulação (Toscano, 2010, 310 e ss.).

4) Transição paradigmática: o exposto pretende evidenciar que se está em plena transição e reconfiguração paradigmáticas (cf. Toscano, 2010: 317-321) — se bem que, aqui, não se demore mais neste conteúdo para passar-se à construção dos prsi.

UM SABER IMPLICADO, NÃO EXTERNO — CONTRIBUTOS PARA A ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA REQUALIFICAÇÃO SÓCIO-IDENTITÁRIA

Quanto à construção social dos prsi, do processo de pesquisa realizado retirámos cinco grandes lições.

Desde logo, concluímos que são 7 os componentes centrais dos prsi. Por outro lado, aprendemos que estes processos se objetivam em múltiplos territórios sócio-identitários, pois (terceira lição), não são lineares e são des-coincidentes em vários elementos da sua configuração, assim como (quarta lição) mobilizam múltiplos intervenientes e atores. Logo, a nossa pesquisa ratifica o entendimento e a prática de diversos atores sociais (investigadores, técnicos, atores políticos ou cidadãos participativos): os prsi exigem um trabalho técnico contínuo e segundo uma abordagem sistémica e transdisciplinar — i.e.: diagnóstico, planificação, ações, formação e avaliação — e não só de modo interdisciplinar como ainda vigora na, dominante, ação fragmentada inter-serviços.

Tendo de fazer opções sintéticas, passamos agora a aprofundar apenas a primeira destas cinco conclusões: vamos deter-nos nos componentes dos prsi.

OS 7 COMPONENTES CENTRAIS DOS PRSI:

A construção do 'modelo prsi' destaca, como componentes desta vivência, as *condições sociais* de origem e de inserção dos atores sociais; e, articulando a estas condições mais estruturais e duradouras, as *situações vivenciais* da sua trajetória identitária.

Um segundo componente são os *momentos marcantes* que constrói todo o prsi e que se sucedem e diferenciam na sequência e como resultado de fatores: *fatores da mudança* entre momentos.

Como terceiro componente temos que esses mesmos momentos se organizam, internamente, em *etapas*, por sua vez estruturadas e viabilizadas por díspares *fases de reação*. A mudança de etapa depende da orientação e força identitária dessa reação.

Com efeito, etapas e fases de reação enraízam-se e desenrolam-se mediante um jogo complexo que o ator gere, mobilizando as suas *estratégias identitárias* e as suas *táticas* e *finalidades identitárias*. Pude-

mos observar que as estratégias são co-construídas ao longo da trajetória e de forma não linear, nem intocável ou definitiva. Portanto, não estão disponíveis na vida dos atores como *dados* à partida mas são, sim, ensaios e respostas aos seus objetivos de vida e aos modos de os atingir.

Acresce ainda que as estratégias, como as finalidades e as táticas identitárias, também nem sempre são conscientemente expressas ou vividas pelos atores — o que guia a nossa distinção entre atores e sujeitos: com efeito, pelo 'modelo prsi' constatámos que **a** *construção do sujeito nos prsi passa pela sua concreta e gradual construção em ator-consciência inter-subjetiva* (cf. primeira conclusão).

Da pesquisa realizada salientamos ainda duas novas estratégias identitárias: trata-se da que identificámos como *otimismo realista*; e da ratificação de uma estratégia que já havíamos sinalizado há algumas décadas atrás: o *sacrifício estratégico* (Toscano 1990).

Um quinto componente dos prsi são as *lógicas de ação* subjacentes a todos estes processos de negociação identitária. Assim, as cinco lógicas de ação centrais para Dubet (1996) — integração, interação, conhecimento, comunicação, utilidade e negociação — permitiram interpretar e analisar os percursos exemplares.

Quanto ao sexto componente, categorizámos *dez territórios sócio-identitários* mudados ou nascentes nos prsi da nossa pesquisa. Quer dizer: a requalificação sócio-identitária não se circunscreve aos territórios económico-materiais, habitacionais, escolares e laborais-profissionais. Isto é o que todos os casos por nós analisados evidenciam: que a requalificação mobiliza os sujeitos nas sua globalidade e complexidade, abrangendo, para além dos referidos, os territórios sócio-identitários; étnico-cultural, sócio-espacial; das sociabilidades (desdobrado em afetivo-relacionais e psicológico-emocionais); simbólico-representacional e, ainda, os territórios societal e de estilo de vida (cf. Toscano 2010, 145-312). Com efeito, nos 5 casos exemplares analisados em profundidade – e a par da inquestionável e realista marca dos territórios materiais e profissionais em todos esses percursos – salienta-se o forte e real poder de outros territórios sócio-identitários: os simbólico-representacionais nos prsi de Sara e de outra narradora: Mafalda; e os afetivo-emocionais, nas trajetórias de outros dois casos analisados: Esmeralda e Paloma.

Por fim, os *recursos-capitais* constituem o sétimo componente dos prsi. Assim, na pesquisa realizada, deduzimos quatro ilações a este respeito:

1.º- os prsi desenvolvem e trabalham *4 grandes tipos* do que categorizámos como *recursos-capitais* centrais, a saber:
tipo a – recursos-capitais situacionais;
tipo b - recursos-capitais contextuais e societais;
tipo c – recursos-capitais disposicionais; e
tipo d - recursos-capitais de subjetivação;
2.º- nos prsi, os recursos-capitais *situacionais* e os *contextuais e societais* (tipos a e b), só por si, são impotentes ou estéreis para a requalificação social.
3.º- os prsi, para se construírem, exigem a co-mobilização de outros recursos e a sua *negociação, relacional e inter-subjetiva*.
4.º- os prsi dos casos exemplares investigados salientaram a importância dos recursos-capitais *disposicionais* (tipo c) e, sempre, na relação com recursos-capitais *de subjetivação social* (tipo d).

Na verdade, por um lado, pela análise sociológica em emergência dos casos exemplares de mulheres em prsi, confirma-se o forte poder de imposição dos estereótipos femininos e masculinos, através da herança e das expectativas sociais de atributos e papéis da identidade da mulher definida ou circunscrita à condição familiar. Os figurinos de mulher desenhados por todas as narradoras ostentam a clara permanência dos atributos androcêntricos, quer por reprodução – veja-se o figurino de Sara; ou por enobrecimento (nos casos de Mafalda e Esmeralda); ou, ainda, pela inversão simétrica (no figurino do caso de Paloma ou no trajeto do caso de Amélia) a qual redunda na mesma lógica androcêntrica, porque não se supera a visão fundadora das dicotomias desqualificadoras.

Porém, o mesmo 'modelo prsi' ensina-nos que o conhecimento social e as lógicas de ação (categorias comuns e práxicas) das mulheres--sujeito analisadas combina estereótipos tradicionais com expectativas sociais paradoxais: quer as de reprodução e adequação aos padrões estereotipados; quer as de superação destes; quer, ainda, as de negociação (entre os de adequação e os de mudança).

Na verdade, constatou-se que o estereótipo tradicional não coincide com a *diversidade dos modos de vida da condição social das mulheres*: nem quando é socialmente adequado – como Paloma, ou mesmo Amélia atestam; nem quando se projeta através de diferentes modos de ser no feminino, como os casos analisados ilustram

i) pela monomarentalidade — em 3 dos 5 casos aprofundados — e pelos diferentes modos de, sobretudo, reorganizar as dinâmicas familiares e a condição social da mulher-mãe e da mulher-esposa — em todos os casos (Toscano, 2010);

ii) pelos 5 perfis-em-ação testemunhados, categorizados e analisados (Toscano, 2010);

iii) pelo próprio manejo dos estereótipos pelas mulheres: quer no caso invocado no presente texto: a manipulação, por Sara, da suposta superioridade feminina, exercida através de poderes subterrâneos (sedução e fé); quer nos outros casos aprofundados: em Esmeralda, o amor idílico (*idem*: 173-188); a desconstrução da *mulher-floreiro* (sua designação para mulher-objeto) e a permanência da noção do *6.º sentido feminino* em Mafalda (*idem* 189-235); a reciclagem da figura paterna, entre tantos exemplos de Paloma *(idem* 236-291); e o total arrependimento do percurso antagónico às expectativas maternas em Amélia *(idem:* 292-309).

NOTA CONCLUSIVA: SOCIOLOGIA DA ESPERANÇA E 'MODELO PRSI'

Sendo os prsi processos instáveis, imprevisíveis e não lineares, essa imprevisibilidade e instabilidade objetivam-se nos múltiplos territórios sócio-identitários acima apresentados, e que pudemos analisar e tipificar em três grandes tipos: i) os territórios sócio-identitários implicados pelos fatores de desqualificação: 'a queda'; ii) os territórios sócio-identitários passíveis ou em vias de requalificação; ou iii) territórios sócio-identitários requalificados: 'a saída'.

Cumpre referir que, para reconverter lógicas de ação, estratégias e táticas identitárias, os sujeitos concretizam reconversões profundas quer nos próprios tempos sócio-identitários, quer no uso dos espaços sociais – como os trajetos de Mafalda e de Paloma assinalam claramente.

Do exposto deriva ainda que os prsi são processos des-coincidentes ou que exercem, mesmo, ruturas em vários níveis da sua configuração.

É que a leitura externa da desqualificação não coincide com a sua vivência nem com a consciência e nem, muito menos, com a verbalização da mesma. O que se repercute na distância entre, por um lado, ritmos e tempos de instituições e técnicos implicados na requalificação;

e, por outro, ritmos e tempos dos sujeitos-em-requalificação. Podendo parecer um lugar-comum, esta é uma conclusão transversal a todos os trajetos analisados. Ora, face ao conhecido desfasamento, no combate à pobreza, entre planificação de trabalho técnico e processos de mudança, impõe-se o registo da sua evidência. Porque, a nosso ver, compete à análise sociológica compreender as desigualdades socialmente construídas e, como tal, contribuir para desconstruir tais desigualdades socialmente mutáveis.

BIBLIOGRAFIA

Amancio, Lígia. 1993. Identidade Social e relações intergrupais. In J. Vala e M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. Lisboa: F.C. Gulbenkian: 287-307.

——1995. *Masculino e Feminino*. Porto: Afrontamento.

Bourdieu, Pierre. 1972. *Esquisse d'une théorie de la pratique.* Genève: Droz.

—— 1980a. L'identité et la représentation. (…). *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. n.º 35: 63-72.

——1980b. *Le sens pratique*. Paris: Minuit.

——1993. *La Misère du monde*. Paris: Seuil.

E Passeron, Jeab-Claude. 1964. *Les Héritiers*. Paris: Minuit.

Camilleri, Carmel et al. 1990. *Stratégies Identitaires.* Paris: PUF.

François, Clément & To Tjoelker. 1992. *Gestion stratégique des territoires (méthodologie)*. Paris: L'Harmattan.

Costa, A. Bruto da 1984. Conceito de Pobreza. *Estudos de Economia*. vol. IV. n.º 3: 275-294.

Dubar, Claude. 2006. *A Crise das Identidades.* Porto: Afrontamento.

—— 1991. *La socialisation. Construction des identités sociales et professionnelles.* Paris: Armand Colin.

Dubet, François. 1996. *Sociologia da Experiência*. Lisboa: Instituto Piaget.

Gaulejac, Vincent de, e Taboada-Leonetti, Isabel. 1994. *La lutte des places*. Marseille: Hommes et Perspectives.

——(s. d.). *Le Manager et le RMIste. POUR*. s/nº : 167-178.

Godet, Michel 1991. *De l'anticipation à l'action*. Paris: Dunod.

Guth, Suzie (Dir.) 1994. Une Sociologie des Identités est-elle possible? – *Actes du Colloque Sociologies* IV. Paris: L'Harmattan. Tome III.

Lipiansky, Taboada-Leonetti e Vasquez. 1990. Introduction à la problématique de l'identité. In Camilleri et al. 1990. *Stratégies Identitaires*. Paris: PUF: 7-26.

Paugam, Serge. 1994. *La disqualification sociale Éssai sur la nouvelle pauvreté.*Paris: PUF.

Taboada-Leonetti, Isabel; N. Aubert. 1990. *Femmes au singulier ou la parentalité solitaire*. Paris: Klincksieck.

Toscano, M.ª de Fátima. 1992. Os conceitos de Pobreza como categorias de análise sociocêntrica: uma leitura das abordagens sociocêntricas do industrialismo. *Forum Sociológico*. n.º 1: 121-155.

——1993a. «A Constituição dos Pobres como Grupo Social na Idade Média: a linguagem quotidiana como indicador». Forum Sociológico. n.º 3: 213-221.

——1990. Descobertos. Mas Não «Descobridos": mecanismos de (des)-integração dos imigrantes africanos em diáspora em Lisboa - leitura sociológica de um caso de intervenção. *Comunicações ao Colóquio Viver (N) A Cidade*. Lx: LNEC/ NEUT 18 a 20 Out.: 73-90.

——1994. Destinos Fatais e Utilidade Social. *Dinâmicas Multiculturais: novas faces. outros olhares. Actas das sessões temáticas do IIIº Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.* Lisboa: ICS, Vol. II: 325-342.

—— 1993b. Dimensões Sociocêntricas dos Estudos Sociais em torno dos "Grupos Pobres". *In* APS. *Estruturas Sociais e Desenvolvimento. Actas do II Congresso Português de Sociologia*. Lx: Fragmentos. vol. II: 303-319.

——1995. «O Direito a ser pobre: A construção social do direito a ser pobre é uma herança medieval - I.ª parte». *Forum Sociológico.* n.º 6: 141-153.

—— 2012. How women, designated as poor, reconstruct identities and ways of life? — the PRSI or the processes of re-qualifying social-identity. *Journal of Education Culture and Society.* issue 02/2014: 75-81. [DOI: 10.15503/ jecs20142.75.81; ISSN 2081-1640 International Scientific Journal semi-annual peer-reviewed]. http://nowadays.home.pl/JECS/data/documents/ JECS=202014=20=282=29=2075.81.pdf

——1993c. *Pobres: Destinos Fatais e Utilidade Social – por uma Sociologia da Acção Histórica.* Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa. Univ. Nova de Lisboa. Dep. Soc. FCSH. 546 pp. + Apêndices, doc. Polic.

——2012. Pobreza e Requalificação Sócio-Identitária: leitura sociológica crítica da tradição de estudos sobre 'A pobreza'. *VII Congresso Português Sociologia. Sociedade, Crise e Reconfigurações.* Porto, 20-23 Junho: http://www.aps.pt/ vii_congresso /papers/ finais/PAP0071 ed.pdf .

——2002. Racionalidades Complexas, Trajectórias, Reinclusão Social: Esmeralda - um Processo Social de Reconstrução Identitária Cigana. *Actas do IV Congresso*

Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia, versão em papel e em CD.

—— 2010. *Sociologia das Identidades, Ofício de Revelação: Exemplares Formas de Vida: Testemunhos de Mulheres em Luta Pela Requalificação Social.* Tese submetida como requisito parcial p/ obtenção grau de Doutor em Sociologia. [Reg. especial: Art. 33.º DL 74/2006, DR 60/3/2006. ISCTE].